

## NARRATIVAS SOBRE HOSPITALIDADE: ALGUMAS CENAS N’O HOBBIT E NA BÍBLIA

Altamir Celio de Andrade\*

### RESUMO

A partir do conceito de Hospitalidade, este artigo investiga alguns fragmentos da obra **O Hobbit**, de J. R.R Tolkien e algumas narrativas da **Bíblia**. As duas obras compartilham entre si essa atitude de elevada significação cultural, dando relevo a detalhes aparentemente insignificantes. Parte-se, portanto, da hipótese de que é possível estabelecer um padrão que permita reconhecer o modo como tais relatos sobre hospitalidade estão construídos. Além disso, as nuances de caráter ambíguo para o termo hospitalidade, presentes no latim e no hebraico, sugerem uma gama de sentidos diversos que ajudam a aproximar as duas obras em estudo para fins de comparação. Entre os autores que empenharam seu pensamento em questões relacionadas à hospitalidade encontram-se Émile Benveniste e Jacques Derrida, arrolados neste artigo. Esse gesto, desde tempos imemoriais, comparece nas mais diversas narrativas, incluindo aquelas da **Bíblia**. Por isso, busca-se verificar com atenção os significados mais sutis da língua hebraica.

Palavras-chave: Bíblia. Hobbit. Hospitalidade. Tolkien.

### 1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Em latim, há duas formas de se dizer hóspede: *hostis* e *hospes*. Por esse viés, a hospitalidade traz consigo a marca da hostilidade. Este último termo, no entanto, apareceu em um segundo momento, indicando, talvez, que “o sentido clássico de inimigo deve ter aparecido quando as relações de intercâmbio entre os clãs se sucederam as relações de exclusão de *ciutas* a *ciuitas* (cf. gr. *xénos* “hóspede” > “estrangeiro”)” (BENVENISTE, 1995, p. 87, grifos do autor). Isso forçou uma adoção, por parte do latim, de um “novo nome para hóspede: *hostipet* –, significando por conseguinte, ‘aquele que personifica eminentemente a hospitalidade’” (BENVENISTE, 1995, p. 87, grifos do autor).

Eis, assim, uma ambiguidade que permite um ângulo de leitura tanto d’**O Hobbit** quanto da **Bíblia**. A prática da hospitalidade gera o que chamo de um rastro:

---

\* Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Doutorado em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Docente do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

o rastro da hospitalidade. Tal rastro pode ser positivo ou negativo, sem excluir que, às vezes, apresenta uma dessas categorias, somente. O rastro é aquilo que fica, o sentimento que ecoa mesmo quando o hóspede já se foi ou quando se está longe daquele que hospedou. Ele fica impresso no hóspede e no que hospeda, como um legado da visita.

As leis de hospitalidade, no Israel antigo, eram observadas e levadas às últimas consequências. Havia uma sacralidade ao redor do hóspede ao ponto de ser disputado entre os que o acolhiam. Como afirmara Roland De Vaux, “o forasteiro pode desfrutar dessa hospitalidade durante três dias e, quando vai embora, ainda lhe é devida proteção” (DE VAUX, 2003, p. 29). Essa proteção podia se estender a 150 quilômetros depois que o hóspede deixava a casa do que o abrigara. No entanto, a hostilidade é um rastro que já está inscrito na hospitalidade. Isso levou ao conceito de “*hos-ti-pitalidade* – neologismo forjado por Derrida para dizer a *hospitalidade incondicional interrompida e contaminada, pervertida, pela hostilidade*” (BERNARDO, 2002, p. 422, grifos da autora). É um conceito relevante porque está claramente delineado nas linhas d’**O Hobbit**.

Apesar da afirmação de Philippe Bornet, segundo a qual “não existe uma palavra para designar hospitalidade em hebreu bíblico” (2011, p. 132), é muito significativo que se possa (ainda assim) encontrar um termo hebraico que dê suporte a estas reflexões. Esse termo é *lûn* e uma de suas ocorrências está em Gn 19,2, quando Lot convida os anjos a *passarem a noite* em sua casa. Tal termo pode tanto ser traduzido por **hospedar-se**, **passar a noite** ou **repousar**, quanto por **murmuração**, **rebeldia** ou **hostilidade**, como em **Jó** 17,2<sup>1</sup>. No interior de seu uso, ficam latentes as suas duas acepções, os seus germes perigosos. A maior frequência concentrada da palavra é em **Juízes** 19, comparecendo cerca de onze vezes no mesmo capítulo. Quando forem abordadas as narrativas bíblicas isso ficará bem evidente.

---

<sup>1</sup> Os lugares mais expressivos deste tipo de ocorrência são: **Livro do Êxodo** 15,24; 16,2.7.8; 17,3; **Livro dos Números** 14,2.27.29.36; 16,11; 17,6.20.

## 2 ALGUMAS CENAS DE HOSPITALIDADE N' O HOBBIT

O **Hobbit** é uma narrativa bem humorada, leve e agradável. Um típico conto para crianças, como quis seu criador, John Ronald Reuel Tolkien, ao escrever para seus filhos. Nem por isso, todavia, o texto deixa de ter suas facetas sombrias, enigmáticas e aterradoras. As personagens são marcantes e, para os leitores que vêm do filme, há um certo estranhamento logo depois da p. 91, porque a película difere bastante do texto escrito, dadas as claras adaptações que a obra cinematográfica exige. A personagem destacada é Bilbo Bolseiro, um hobbit que, tendo uma vida previsível e tranquila, protagoniza a grande aventura do livro. Ao redor dele, treze anões e um mago (Gandalf) completam as personagens principais da narrativa. Por sete ocasiões Bilbo é hospedado, mas hospeda (*ipso facto*) uma única vez e muito a contragosto. Os lugares são os mais variados, assim como variadas são as formas de hospitalidade. Talvez o narrador busque tirar proveito do sentido mais profundo do significado da palavra, já que isso fica muito evidente no relato. No entanto, não temos como saber, efetivamente, se Tolkien considerou a ambiguidade do termo para sua obra.

Quando, então, se olha bem de perto as cenas de hospitalidade, é possível estabelecer um padrão que é relevante para uma abordagem das narrativas. Sugere-se, assim, que ele pode ser delineado como se segue:

- 1) Palavras de acolhida por parte do que hospeda e/ou do hóspede;
- 2) Discussão sobre o motivo da visita que pode ou não ser tensa;
- 3) Menção à comida e/ou bebida, detalhando os alimentos ou apenas fazendo alusão a eles (há quase sempre a presença de fogo ou indicação de fogueira);
- 4) Por fim, palavras finais de agradecimento e/ou despedida da parte do que hospeda e/ou do hóspede.

As personagens, às vezes, são descritas no plural. Isso porque podem ser muitos os que hospedam (um povo, por exemplo) ou muitos os que são hospedados (como no caso da presente narrativa).

N' O **Hobbit** aparecem, pelo menos, nove cenas de hospitalidade. A grande maioria apresenta o elemento da hostilidade que, se não está presente em quem

chega, está em quem recebe. A primeira delas já aparece logo nas páginas iniciais, quando Gandalf chega à toca de Bilbo e o encontra à porta, fumando seu cachimbo. Gandalf é descrito como “um velho com um cajado”, de chapéu e com uma capa cinzenta, além da barba branca (TOLKIEN, 2012, p. 4). Essa descrição contrasta vivamente com a manhã ensolarada e a grama verde, imagens do alvorecer e do novo. A primeira palavra de Bilbo, na obra, é um “bom dia”, questionado prontamente pelo visitante sobre o significado de tal expressão. Nota-se, de imediato, a primeira tensão da narrativa. A conversa entre os dois segue não sem algumas farpas de lado a lado, o que a situa claramente no segundo passo do padrão sugerido. Uma estranheza se revela quando Gandalf afirma conhecer Bilbo, mas este não reconhece o visitante. Aliás, essa é uma situação que irá se repetir outras vezes e de modos diversos.

O leitor observa, assim, que a conversa acontece sem que uma das partes conheça plenamente a outra. Depois de rejeitar as propostas do mago sobre aventuras, Bilbo força o fim da conversa, despede o outro e o convida – por mera formalidade –, a tomar chá em um outro dia; ato contínuo, entra e fecha a porta, deixando Gandalf do lado de fora. Estes são os últimos passos do padrão. Assim como a grama verde indicava a possibilidade de uma hospitalidade gentil, a porta verde de Bilbo, lembrada pelo narrador, fecha-se no rosto do visitante. Nesta cena, elementos como estranheza, não reconhecimento e porta que se fecha acusam a hostilidade que perpassa o evento.

A segunda cena, apesar de mais completa, não é mais complexa que aquela que acaba de ser mostrada. Isso porque é mais límpida em sua trama e não tão sombria quanto esta última. Quando Gandalf deixou a porta de Bilbo, “riscou um sinal estranho na bela porta verde” (TOLKIEN, 2012, p. 6). Duas menções que recordam a cena anterior: a estranheza indicada pelo sinal e a cor da porta hostil. Um sinal que permitirá a introdução das novas personagens da história.

A chegada dos anões – primeira menção feita a eles na obra – acontece de modo gradativo, isto é, o primeiro e o segundo chegam sozinhos, depois uma dupla e, a seguir, cinco de uma vez. Logo depois, mais quatro e, finalmente, Gandalf, novamente. Esse padrão parece se repetir em outra cena, que será analisada adiante. Na acolhida surpresa que Bilbo faz a eles, aparecem expressões como: “Estava quase na hora do meu chá, por favor, venha e sirva-se”; “entre e tome um

pouco de chá”. Pelo lado dos anões, há respostas como “às suas ordens e de sua família” (TOLKIEN, 2012, p. 7-8). que se repetirão no decorrer do relato, mas com nuances renovadas.

A lista dos alimentos mencionados é a mais pródiga de todo o livro, incluindo bolo, cerveja, bolo de sementes, bolinhos amanteigados, vinho tinto, geleia de framboesa, torta de maçã, pastelão de carne com queijo, torta de carne de porco com salada, ovos e salada de galinha com pickles. Note-se que o fogo também é mencionado. É a segunda vez que o narrador mostra como Gandalf conhece Bilbo mais do que ele imagina, ao dizer o que há na despensa do hobbit. Isso causa no bolseiro o seguinte pensamento, que não escapa à percepção onisciente do narrador: “Parece que ele sabe tanto sobre o conteúdo das minhas despensas quanto eu” (TOLKIEN, 2012, p. 11). É uma nova pitada de estranheza que envolve a relação entre o hobbit e o mago, mas não será a última.

A discussão sobre o motivo da visita é a mais importante da história porque é a razão principal pela qual Bilbo Bolseiro sairá da toca para enfrentar sua aventura inesperada. Ela configura uma nova psicologia da personagem porque é o princípio do grande conflito que ele viverá em toda a sua vida e, ao sair dele (se sair), nunca mais será o mesmo. Talvez seja este o maior rastro de hospitalidade em toda a sua existência. Mesmo essa acolhida a contragosto será, ao final de tudo, relida e reinterpretada sob um ângulo novo. Como afirmou Corey Olsen, em seu livro **Explorando o Universo do Hobbit** (2012), “a coisa mais importante que é alterada pela aventura que Bilbo involuntariamente trouxe para sua casa é o próprio Bilbo. O conjunto completo de mudanças experimentadas pela personalidade de Bilbo será uma das histórias centrais mais complexas de todo o livro” (OLSEN, 2012, p. 24).

No fim da visita, Thorin (o anão líder) deixa sobre o console da lareira de Bilbo (enquanto ele ainda dorme) uma carta formal que alude à sua participação na aventura. Nela podem ser lidas, mesmo que brevemente, a última parte do padrão da cena: “Pela sua hospitalidade, nossos mais sinceros agradecimentos” (TOLKIEN, 2012, p. 28). O resto da carta contém algo de irônico, mas que não rasura o agradecimento indicado.

A terceira cena é uma das mais leves, mas não deixa de apresentar, também, algum traço de divertida hostilidade. Trata-se da hospitalidade dos Elfos do vale de Valfenda. Estes recebem os visitantes com canções e, nelas, alguns elementos do

padrão já se fazem presentes. Em uma estrofe pode-se ler: “A lenha fumegando e as tortas já assando”. Em uma outra, há um leve toque de ironia: “Ei! Que você está tramando? Aonde você está indo?” (TOLKIEN, 2012, p. 48). É claro, como se vê, pela sequência da obra, que estes Elfos sabem muito sobre a comitiva de treze anões, um mago e um hobbit. Isso se parece com o fato de Gandalf também saber sobre Bilbo. No entanto, a discussão sobre a visita não é tensa e a acolhida é bastante calorosa: “Bem-vindos ao vale. A ceia já está sendo preparada lá adiante (...), posso sentir o cheiro da lenha queimando na cozinha” (TOLKIEN, 2012, p. 49), é o que diz a voz de um deles. Ao fim de tudo, “eles partiram em meio a canções de despedida e boa viagem” (TOLKIEN, 2012, p. 53).

A cena seguinte é casual no sentido de que os hóspedes não vão por livre e espontânea vontade à casa do que hospeda. Trata-se de quando a comitiva é salva do ataque de Orcs e Wargs pelas “Águias das Montanhas Sombrias” (TOLKIEN, 2012, p. 103). Estas os levam para o pico da montanha e os deixa em seu ninho. Há uma desconfiança, por parte de Bilbo, de que as águias os tem como prisioneiros. No entanto, a sua hospitalidade é revelada mesmo que elas não o estejam fazendo por pura cortesia, uma vez que, como o narrador avisa, “o Senhor das águias não estava disposto a levá-los a nenhum lugar onde houvesse homens” (TOLKIEN, 2012, p. 108). Com isso o narrador revela que as águias não estavam interessadas nos conflitos ou negócios dos anões. Apesar disso, elas trazem comida para eles (coelhos, lebre e ovelha), além de “galhos secos para o fogo” (TOLKIEN, 2012, p. 110). Quando os anões partem (deixados por elas em lugar seguro) as palavras de despedida ecoam de ambos os lados. Da parte das águias se diz: “Boa viagem, por onde quer que viajem antes que os ninhos os recebam no fim do caminho”. Ao que Gandalf – que parecia saber a resposta –, diz: “Que o vento sob suas asas possa levá-las para onde o sol navega e a lua caminha” (TOLKIEN, 2012, p. 112).

A cena na casa de Beorn tem pontos de contato com as duas iniciais. É fortemente marcada pela hostilidade e ironia, onde o mago parece (também) forçar a recepção de Beorn. Tal ironia já está inscrita na figura misteriosa daquele que hospeda:

A combinação de bondade e selvageria de Beorn é típica de sua personalidade; ele é uma mistura curiosa de elementos conflitantes. Não fica nem mesmo perfeitamente clara a espécie dele. Ao apresentá-lo, Gandalf explica que ele possui duas formas: uma forma humana enorme e poderosa e uma forma de urso ainda maior e mais poderosa. O próprio

Gandalf não tem certeza de qual é a identidade real de Beorn; ele pode ser um homem capaz de se transformar num urso ou vice-versa (OLSEN, 2012, p. 109).

Essa ambiguidade de Beorn não é uma novidade na narrativa. Ela gera e alimenta a tensão entre o conhecido e o desconhecido, o conhecer e o estranhar que permeiam a narrativa. Ela se aplica a Bilbo, assim como se aplica a Gandalf e aos anões. Esses últimos, mais de uma vez, recebem um comentário do narrador: “Os anões não são heróis, mas um povo calculista, que têm em alta conta o valor do dinheiro; alguns são ladinos e traiçoeiros” (TOLKIEN, 2012, p. 208). Outro elemento que salta aos olhos – e que ajuda a aproximar a cena daquela na toca de Bilbo –, é a chegada paulatina dos hóspedes: primeiro entram Gandalf e Bilbo e depois os anões, dois a dois, sendo que Bombur chega por último.

À solene apresentação do hóspede: “Sou Gandalf”, Beorn responde com um desconcertante “nunca ouvi falar” (TOLKIEN, 2012, p. 116). Isso preludia o tenso motivo da visita que será travado entre eles. Além disso, ele dispensa todas as longas apresentações dos anões e as ironiza. Nem por isso, contudo, deixa de oferecer uma hospitalidade agradável, provendo comida em sua casa (hidromel, pães, manteiga, mel e creme azedo) e oferecendo, também, para a viagem da comitiva (castanhas, farinha, potes de mel, frutas secas e biscoitos). A menção à fogueira não falta nesta cena.

Quando os hóspedes vão embora, podem ser ouvidas palavras de despedida por parte dos anões: “Ao seu dispor, ó mestre dos grandes salões de madeira”. De outro lado, já se pode ouvir, também, palavras de um Beorn que se mostrou mais amável do que a primeira impressão teria causado: “Desejo-lhes toda a sorte, e minha casa estará aberta se algum dia voltarem por este caminho” (TOLKIEN, 2012, p. 131).

Finalmente, passa-se à análise da última cena escolhida.<sup>2</sup> A saga dos quatorze personagens prossegue, já que Gandalf os deixa ao sair da casa de Beorn e antes de entrarem na Floresta Negra. Depois de serem prisioneiros dos Elfos daquela floresta, em um encontro trágico, chegam à aldeia dos Homens do Lago,

<sup>2</sup> Outras, ainda, podem ser vistas, mas que alongariam demais a análise. Há uma estrutura geral do padrão com algumas variações. Por exemplo: na hos[t]ipitalidade dos Elfos da Floresta Negra (TOLKIEN, 2012, p. 165), na fortaleza dos anões (TOLKIEN, 2012, p. 284) e, novamente, na Aldeia dos Elfos de Valfenda (TOLKIEN, 2012, p. 289).

última etapa para o desfecho da viagem de ida. O episódio tem todo tipo de elementos, desde traços cômicos e superficiais até reflexões sombrias e tramas escondidas no interior dos pensamentos. Há, também, alegria efusiva e medo profundo.

O destaque dado a Thorin é inversamente proporcional ao apagamento de Bilbo, que permanece o único com um pouco mais de juízo e que parece ainda estar concentrado no objetivo da viagem. O primeiro afirma-se solenemente, ao chegar: “Thorin, filho de Thrain, filho de Thror, Rei sob a montanha!” (TOLKIEN, 2012, p. 190). Tais palavras e outras mais provocam “um tremendo alvoroço”. É o retorno de um rei que, de imediato, instaurará a desconfiança de sua identidade, o temor e a euforia, uma vez que tantos anos se passaram e sua história (quase) já não passa de lenda.

Ao procurar pelo chefe da cidade, o leitor descobre que este se encontra em um banquete. O padrão muda sensivelmente quando os anões são introduzidos no referido banquete, já que o mesmo não fora preparado para eles. É, talvez, paralelamente ao encontro com Beorn, o episódio que se revelará mais hostil. Isso porque a hospitalidade do Senhor da Aldeia é claramente ambígua no relato, como o narrador sugere em, pelo menos, dois lugares: “Quanto ao Senhor, viu que não restava mais nada a fazer exceto obedecer ao clamor geral, pelo menos por enquanto, e fingir que acreditava que Thorin era o que dizia ser” (TOLKIEN, 2012, p. 192). Mais à frente, quando os anões deixam a aldeia, pode-se surpreender, uma vez mais, o narrador olhando de perto para ele: “Mas o Senhor não ficou consternado por deixá-los ir. Eram hóspedes caros, e a sua chegada transformara tudo num longo feriado no qual os negócios ficaram em total marasmo” (TOLKIEN, 2012, p. 194).

Se no encontro com Beorn o leitor se depara com uma personagem misteriosa e que não escondia esse caráter, o encontro com o Senhor da Aldeia mostra tal enigma de modo um pouco mais velado. Este último, como o primeiro, também oferece provisões para a última etapa da viagem de Thorin e companhia, mas há, nele, um vivo interesse pelo que os anões poderão conseguir, caso recuperem o tesouro sob a Montanha. Quando partiram, “o Senhor e seus conselheiros desejaram-lhes boa viagem nas grandes escadarias do salão da

cidade” e, além deles, “pessoas cantavam nos ancoradouros e nas janelas” (TOLKIEN, 2012, p. 195).

### 3 A HOSPITALIDADE EM CINCO CENAS BÍBLICAS

A hospitalidade é, sem dúvida, um dos grandes temas da **Bíblia**. Alguns relatos podem ser destacados a fim de dar conta dessa realidade. Escolhi aqueles que julgo emblemáticos para este estudo, considerando não só o texto do **Antigo Testamento** como também o do **Novo Testamento**.

A primeira narrativa que assoma à mente, quando o tema da hospitalidade está em discussão, é a que se refere ao encontro de Abraão com YHWH<sup>3</sup>, contada em **Gênesis** 18. Toda a introdução da cena é feita por Abraão em sua pressurosa acolhida ao visitante.<sup>4</sup> Essa acolhida é indicada por verbos hebraicos como *rûts* (correr) e *māhār* (apressar). As palavras iniciais de Abraão sinalizam a sua recepção e preocupação com os hóspedes, incluindo a alusão à comida (pão) e ao descanso (*shā'an*). Mais à frente, no entanto, essa comida será indicada com mais prodigalidade (pães, manteiga, leite e um novilho).

O motivo da visita fica escondido do leitor até que o hóspede pergunte por Sara (v.9). Nesse momento, há uma mudança na narrativa e a tensão aparece: Sara e Abraão parecem não receber com bons ouvidos o anúncio de um filho a um casal idoso. Ela, inclusive, ri, além de mentir que não riu (v.15). Sua negação deixa clara a relação tensa com o visitante ao contradizê-lo. A promessa gera uma tensão e o hóspede revela a sua estranheza. Entre Sara e o hóspede ocorre algo que escapa a Abraão. O espaço de Abraão é ao redor da árvore, o de Sara é dentro da tenda. Depois de tudo isso, Abraão vai com eles para os despedir.

O segundo texto é ligado ao anterior, com uma leve mudança de personagens. Os homens saem da tenda de Abraão e chegam à casa de Lot, seu sobrinho, em **Gênesis** 19. Antes haviam sido indicados como três (18,1) e agora aparecem como dois (19,1). No entanto, as semelhanças literárias são claras: Abraão sentado à porta da tenda (18,1) e Lot sentado à porta da cidade (19,1). Isso recorda o primeiro encontro de Bilbo com Gandalf, onde o primeiro estava sentado à

<sup>3</sup> Usarei o chamado Tetragrama Sagrado para me referir ao nome de Deus.

<sup>4</sup> Há uma tensão no relato que sugere seu caráter compósito: o texto apresenta, em um momento, apenas YHWH (v.1), depois três homens (v.2) e, em seguida, YHWH novamente (v.13).

sua porta. Assim, uma construção curiosa aproxima essas três narrativas: Bilbo sentado pela manhã, Abraão pelo meio dia e Lot ao anoitecer.

Os gestos iniciais de Lot muito se parecem com os de Abraão. A menção ao descanso e à comida também é feita, embora com menos prodigalidade. Em Gn 19,2 ocorre o verbo *lûn* (hospedar-se), indicado acima e, para comer, Lot oferece uma refeição e pães ázimos, isto é, sem fermento (19,3). Em seguida, o motivo da visita fica evidenciado na tensão que se estabelece (embora esse motivo tenha sido indicado já no capítulo anterior [18,20]): os homens da cidade hostilizam os hóspedes, querendo violentá-los. Lot oferece, então, suas duas filhas, mas os mesmos rejeitam essa oferta. Derrida observa que “é o momento em que Ló parece colocar as leis da hospitalidade acima de tudo, em particular das obrigações familiares que o ligam ao seus e à sua família, primeiro às suas filhas” (DERRIDA, 2003, p. 131).

A tensão, porém, não é só entre os hóspedes e o que hospeda, mas ela se insere no seio familiar. Ela é grande entre Lot e suas filhas, pavorosa e ameaçadora. Os hóspedes recebidos por Lot trazem, de alguma maneira, a hostilidade da cidade sobre a casa de Lot. Este, para protegê-los, oferece suas filhas. Em seguida, os hóspedes de Lot hostilizarão a cidade, destruindo-a. De modo semelhante, a própria família de Lot será, de certa forma, destruída. Eis um contraste com a narrativa precedente, onde a Abraão é anunciada a sobrevivência e o aumento da família. Ao fim de tudo, Lot não despede os hóspedes, mas é despedido, inclusive, com a recomendação de que não olhe para trás. O fogo que aparece nessa narrativa não é o fogo de uma lareira de hospitalidade (Gn 19,24).

Uma cena bastante distinta, mas rica no padrão que investigamos é aquela do casamento de Isaac (Gn 24). É muito longa na sua estrutura, mas os momentos centrais de suas referências podem ser peneirados. Na verdade, ela não engloba todo o episódio do casamento, mas apenas o momento em que o servo de Abraão se dirige à Mesopotâmia para encontrar uma esposa para seu filho Isaac. Tudo se passa quando ele encontra esta esposa (Rebeca) e é recebido na casa dela (Gn 24,28-61).

Novamente, como no episódio de Abraão, o verbo correr se faz notar (*rûts*). Tanto Rebeca quanto Labão, seu irmão, correm nos momentos iniciais do episódio (24,28.29). Em seguida, o servo de Abraão vai para a casa de Labão e, além de

comer e beber (ele e os que o acompanhavam), também passa a noite por lá (*lûn*: v.54). Um ponto comum, presente nas três narrativas bíblicas tratadas até agora, diz respeito à particularidade de que se ofereceu água para lavar os pés (*Gn* 18,4; 19,2 e 24,32). Há, também, uma longa descrição sobre o motivo da visita que ocupa os vv.34-49. Na conclusão da narrativa, uma bênção de despedida é invocada sobre Rebeca: “Tu és nossa irmã: sê tu milhares de miríades! Que tua posteridade conquiste a porta de seus inimigos” (24,60). Nessa elástica promessa de filhos parece haver uma leve ironia, uma vez que se afirmará, mais tarde (25,21), que Rebeca era estéril.

Um dos mais emocionantes relatos de hospitalidade, presentes na **Bíblia** é, sem dúvida, aquele do levita de Efraim, contado em **Juízes** 19. O relato, no entanto, tem dois momentos cujos desdobramentos indicam sua interdependência. O levita é um homem que vai atrás da mulher que o abandonou para voltar à casa de seu pai, o que explicita o motivo da visita. Lá chegando, é muito bem recebido pelo sogro, permanecendo por três dias na sua casa, como havia observado Roland De Vaux (2003). No quarto dia, pela manhã, o sogro insiste para que fique até à tarde, quando insiste (novamente) para que ele passe a noite (*lûn*). Na manhã do dia seguinte a cena se repete, mas na tarde do mesmo dia ele vai embora, mesmo sob a insistência do sogro. Somente neste instante o leitor descobre que o levita tem um servo (19,9).

O narrador não indica nenhuma palavra de saudação, mas isso fica implícito na efusiva recepção dispensada ao levita na casa do sogro, já que este muito “se alegrou” (*sāmāh*). Além disso, a cada dia que passa o sogro insiste para que o homem fique, usando expressões semelhantes: “reconforta teu coração” (19,5.8), forma idiomática também usada por Abraão ao seu hóspede em *Gn* 18,5. Ela pode indicar, dentre outros significados, a ingestão de alimento para manter-se firme. O narrador informa, também, que comeram e beberam juntos.

O que acontece nesta primeira parte do texto nem de longe prepara o leitor para os terríveis desdobramentos do relato. Quando o levita sai com sua mulher e chega a Jerusalém (Jebus), as coisas mudam completamente de figura. Seu servo o aconselha, então, a passar a noite (*lûn*) na cidade. O homem replica que é uma cidade de estrangeiros (*nokrî*), sugerindo prosseguir até *Gib<sup>e</sup>’āh* ou até mesmo *Rāmāh* (19,13). Não seria fora de propósito opinar que o narrador tem algo em

mente ao mencionar os nomes destes três lugares, uma vez que eles aludem ao que está para acontecer: *nokrî* pode ser traduzido por mulher estrangeira ou prostituta; *Gib<sup>e</sup>’āh* lembra as colinas de cultos cananeus da fertilidade e *Rāmāh* tem, na sua raiz, o significado de engano e desorientação.

Quando, então, eles chegam a *Gib<sup>e</sup>’āh* o narrador diz, literalmente, que “pôs-se para eles o sol” (v.14). Um pouco mais adiante, afirma que “não houve um homem que os recolhesse (*’āsap*) em casa para passar a noite (*lûn*)” (v.15). Algum tempo depois, um homem (ancião) os recebe, dizendo: “Paz para ti. Te ajudo em toda a tua necessidade. Não pernoites (*lûn*) na praça” (v.20). Menciona-se a forragem para os animais, o pão e o vinho para as pessoas.

Daqui em diante, o episódio parece ser uma cópia do que aconteceu na casa de Lot: alguns homens da cidade querem violentar os hóspedes e de nada adiantam os pedidos do velho dono da casa. Ele oferece, também, a sua filha virgem (*betûlāh*), correspondendo à expressão usada por Lot sobre suas próprias filhas: “não conheceram homem” (Gn 19,5). Eles, porém, não aceitam a proposta e, em paralelo à atitude do dono da casa, o hóspede levita pega sua mulher e a leva para fora, em uma das cenas mais dramáticas de toda a *Bíblia*: “Eles a conheceram e abusaram dela a noite toda até de manhã e a deixaram com o alvorecer” (v.25).

O leitor se sobressalta com tamanho ato de crueldade ao perceber que a ida do levita a *Gib<sup>e</sup>’āh* foi um engano, uma desorientação (*rāmāh*). É estranhamente desconcertante o fato de que ele insistira em buscar a mulher para entregá-la dessa forma aos homens do lugar. A despedida dessa narrativa de hospitalidade é ainda mais pavorosa, quando o homem retalha sua esposa morta, enviando as partes a toda a terra de Israel, gerando uma grande revolta e uma guerra. Com esse gesto, vai também a mensagem final: “Aconteceu algo como isto desde que Israel saiu do Egito até hoje?” (19,30). Encontramos, também, um atônito Derrida (leitor dessa narrativa e daquela de Lot), que se pergunta: “Somos nós herdeiros dessa tradição das leis da hospitalidade? Até que ponto? Onde situar a invariante, se é que existe uma, através dessa lógica e desses relatos?” (DERRIDA, 2003, p. 135).

O último relato a ser analisado vem do **Novo Testamento**, particularmente do **Evangelho de Lucas**. Ali, em 7,36-50, somos informados que Jesus fora convidado a comer na casa de um fariseu. Aliás, essa é uma cena que se repete outras duas vezes neste Evangelho (11,37 e 14,1) e, também, em contexto de

refeição. O narrador ainda precisa o fato de que o hóspede reclinou-se (do grego: *kataklino*) à mesa (v.36).

Na estrutura básica da narrativa, o que hospeda é o fariseu (de nome Simão) e o hóspede é Jesus. Há menção de convivas, mas aparece uma outra personagem que rouba a cena: uma mulher que estava na cidade. Embora não pertencendo ao padrão que estamos propondo, é notável como em todas as narrativas bíblicas contempladas há uma presença feminina que se torna determinante: Sara, as duas filhas de Lot, Rebeca, a mulher do Levita e a filha do dono da casa, além da mulher mencionada por Lucas. Por outro lado, em nenhum momento d' **O Hobbit** isso se verifica.

Este episódio parece desenhar uma novidade em relação às cenas que foram vistas até agora. No caso de Lot e do levita de Efraim, há um *crescendum* de sentido no interior do texto porque, no primeiro caso, as duas filhas de Lot (e por que não sua própria mulher?) estão claramente ameaçadas pela lei da hospitalidade. No entanto, a violência não chega a afetá-las, recaindo sobre os homens da cidade, invasores da casa de Lot. Quanto ao caso do levita, sua mulher (retirada de dentro da casa) sofre a violência de alguns dos moradores de *Gib<sup>é</sup>āh* que a leva à morte. Em ambos os relatos, as mulheres são (ameaçadas e) tiradas de dentro de uma casa para o interior da cidade. No relato lucano, em contrapartida, o narrador diz que a mulher estava na cidade (*pólis*) e, inversamente, adentra a casa do fariseu onde está Jesus, dirigindo-se a ele.

A mulher, no relato de Lucas, é o espelho da hospitalidade que Simão deveria ter oferecido a Jesus. O padrão fica bem indicado quando o hóspede o recorda das suas obrigações negligenciadas: não trouxe água para os pés (v.44), não lhe deu o beijo de acolhida (*philema*, v.45) e, tampouco, derramou óleo sobre a sua cabeça (v.46). Jesus realça, assim, o que a mulher está fazendo com três elementos contrapostos: as lágrimas da mulher, seu beijo e seu perfume.

O texto revela, então, os momentos do padrão de modo bastante livre. Quando o leitor nota a ausência de uma acolhida, Jesus reclama da mesma e a evidencia na atitude da mulher. O motivo da visita é uma refeição na casa do fariseu e, embora mencionada a mesa, não se precisa a comida. A cena torna-se tensa por causa da presença da mulher, que incomoda tanto o dono da casa quanto os presentes. O fariseu, que no início da cena parecia o senhor de tudo, vai declinando

em sua imagem e, proporcionalmente, a mulher que estava junto aos pés de Jesus agiganta-se com o desenrolar da narrativa. Ao fim de tudo, as palavras de despedida (em uma curiosa inversão) não são do que hospeda para o hóspede, mas do hóspede (Jesus) para a mulher que – de fato – o hospedou: “Teus pecados são perdoados” (v.48). Essa inversão recorda o episódio ao redor de Sara que, hospedando, torna-se hóspede daquele que a visitou, presenteando-a com a promessa de um filho.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura das cenas propostas, tanto n’**O Hobbit**, quanto na **Bíblia**, permitiu vislumbrar um padrão que não parece engessado. Pelo contrário, a versatilidade apresentada pelos narradores sugere a riqueza e a variedade do conteúdo. É claro que muitos outros relatos ainda poderiam ser explorados, uma vez que a suspeita é de que eles apresentam, igualmente, o padrão proposto aqui. No entanto, o que mais fascina não é simplesmente constatar que este ou aquele texto responde ou ilustra a hipótese apresentada, mas ver como as formas de contar variam, propositada e surpreendentemente, no interior das narrativas.

As observações depreendidas desta análise podem ser aplicadas a outras narrativas dentro e fora da **Bíblia**, n’**O Hobbit** e em outras obras de Tolkien. Em **O Senhor dos Anéis**, por exemplo, este padrão parece seguir apresentando novidades e sugestões curiosas, variando sobre os mesmos temas apresentados aqui.

Finalmente, o que se procurou mostrar com o presente exercício de leitura não foi apenas uma forma de contar que parece seguir um modelo, mas partir desse pressuposto a fim de refletir algo bem mais profundo: a hospitalidade. Esse gesto humano, essa universpitalidade, negligenciada ou levada às últimas consequências, carece de ser recuperada e exercitada em um mundo cada vez mais egoísta e xenófobo. Como sugeria Derrida, pensar a incondicionalidade da hospitalidade é um desafio para todos os tempos porque é algo da ordem da (im)possibilidade, do paradoxal e do aporético. Assim sendo, quando essa análise termina, aí é que começa.

**NARRATIVE OF HOSPITALITY:  
SOME SCENES IN THE HOBBIT AND IN THE BIBLE**

**ABSTRACT**

Starting from the concept of Hospitality, this paper investigates fragments of J.R.R. Tolkien's *The Hobbit* and some stories of the Bible. These works have in common an attitude of high cultural significance, conferring importance to seemingly insignificant details. The starting point, therefore, is the hypothesis that it is possible to establish a standard that allows the recognition of how such narratives of hospitality are built. Furthermore, the term hospitality and its nuances of ambiguity, present both in Latin and in Hebrew, suggest a range of different meanings that help bring the two works together for comparison purposes. Among the authors who have addressed hospitality-related issues in their thinking are Émile Benveniste and Jacques Derrida, both listed in this article. This gesture, since time immemorial, appears in several stories, including those of the Bible. Therefore, more subtle meanings of the Hebrew language are sought to be carefully checked.

Keywords: Bible. Hobbit. Hospitality. Tolkien.

**REFERÊNCIAS**

BENVENISTE, Émile. **O vocabulário das instituições indo-européias**. Vol. I. Trad. Denise Bottmann. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

BERNARDO, Fernanda. A ética da hospitalidade, segundo J. Derrida, ou o porvir do cosmopolitismo por vir. **Revista Filosófica de Coimbra**, Coimbra, v.11, n. 22, p. 421-446, Outubro, 2002.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BORNET, Philippe. Judaísmo: entre normas religiosas e imperativos éticos. In: MONTANDON, Alain. **O Livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Editora Senac, 2011.

DAVIDSON, Benjamin. **The analytical Hebrew and Chaldee lexicon**. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1980.

DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade**. Trad. Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

DE VAUX, Roland. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. Trad. Daniel de Oliveira. São Paulo: Teológica/Paulus, 2003.

ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (Eds.). **Biblia Hebraica Stuttgartensia**. 5a. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

NESTLE, Eberhard-ALAND, Kurt. **Novum Testamentum Graece**. 27<sup>a</sup> ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1996.

OLSEN, Corey. **Explorando o universo do Hobbit**. Trad. Carlos Szlak. São Paulo: Lafonte, 2012.

TOLKIEN, John Ronald Reuen. **O Hobbit**. Trad. Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

\_\_\_\_\_. **O Senhor dos anéis**. Trad. Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2003.